

Sob o sol dos meus  
*melhores dias*



**Joel Gomes Teixeira**

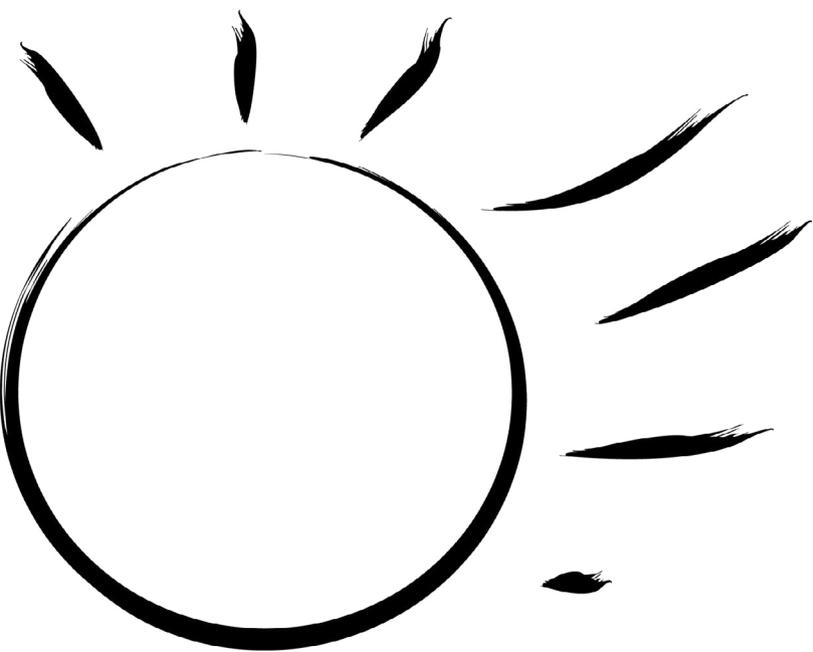
**EDITORA RECANTO DAS LETRAS**

Sob o sol dos meus  
*melhores dias*



**Joel Gomes Teixeira**

**EDITORA RECANTO DAS LETRAS**



Sob o sol dos meus  
*melhores dias*

**Joel Gomes Teixeira**

**EDITORA RECANTO DAS LETRAS**

© Joel Gomes Teixeira

Editora Recanto das Letras  
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira  
Revisão do texto: Maciel Salles  
Diagramação: Michael Vasconcelos  
1ª edição – outubro de 2019

Todos os direitos reservados.  
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,  
constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Ângélica Ilacqua CRB-8/7057**

---

Teixeira, Joel Gomes  
Sob o sol dos meus melhores dias / Joel Gomes Teixeira. --  
São Paulo : Recanto das Letras, 2019.  
160 p.

ISBN: 978-85-7142-051-9

1. Crônicas brasileiras I. Título

---

19-2073

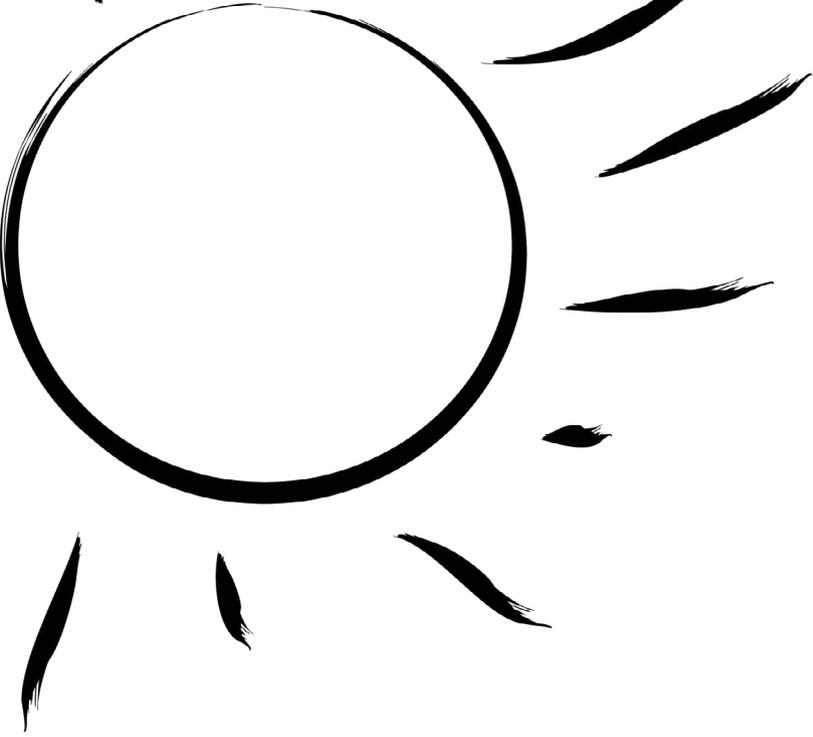
CDD B869.8

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Crônicas brasileiras

Dedico com imenso carinho este livro à Nena, minha esposa, ao Thiago, meu filho, e aos amigos Antonio Alceu Jacopetti, Julio Marcos Bronislavski, Nilton Dalpiaz e Adonis Pedro Santos, os quais deram apoio irrestrito para que este projeto se concretizasse. Sem o carinho de vocês, tudo estaria tão somente no mundo dos sonhos.

Obrigado,



# Sumário

Introdução .....	11
Comboios da madrugada .....	15
Estas coisas de outono (Diário de minhas andanças) ....	19
Na calada da noite (A casa de Gertrudes) .....	20
Pequenos contos de outono (Solidão de vacas) .....	23
Colcha de retalhos (Das lembranças de minha mãe) .....	25
Memórias de Luzia .....	27
A cozinha .....	29
Um chiado entre os hibiscos .....	32
Velhas noites de domingo .....	34
A casa do polonês .....	36
Pelos moinhos do tempo .....	38
Nas sombras da noite .....	40
Travessia .....	42
Num tempo de cartas .....	45
Coisas de abril .....	48
Licorzinho FDP!!! .....	49
My Sweet Lord .....	52
As estrelas de Dona Izaura .....	54
O portão .....	56

O celeiro .....	58
Em silêncio .....	60
O primeiro chiclete .....	62
Falando em azaleias .....	66
Cheiros inesquecíveis .....	68
Dona Geni .....	71
Histórias que me contavam (Partindo a gaita) .....	73
Memórias de uma tarde distante .....	78
Esconda a mandioca! .....	80
Esperando o trem .....	84
Cheirando a Lancaster .....	86
A velha calça desbotada .....	87
As rosas de tia Luiza .....	91
Uma casa polaca .....	93
Lírios ao redor do muro .....	95
O Senhor das tardes .....	96
Alheios na tarde .....	97
Tia Flora .....	100
Ternuras enclausuradas .....	102
A cozinha do tempo .....	104
O jasmineiro de Dona Mana .....	105
Divagações na tarde .....	107
Tenho ainda alguns exemplares .....	109

Destas carroças que me perseguem .....	111
Quando os sinos dobram .....	113
De volta ao farol amarelo .....	116
Porque era outono .....	118
Estas coisas de setembro .....	120
Os três urros da fera .....	122
No jardim de Angelina .....	124
Dias chuvosos, doces lembranças .....	125
Ao amigo desaparecido, onde ele estiver .....	128
Hora do Ângelus .....	130
Passos de setembro .....	132
O bangalô de Helena .....	134
O defunto sumiu! .....	136
O pequeno Clodoaldo .....	140
Memórias do sótão .....	144
Destes sábados nostálgicos .....	145
Lembranças de Natais .....	146
Gostos de Natal .....	148
Destas tardes geladas .....	149
Dia de chuva .....	152
Divagações sobre agosto .....	153
O alfaiate Sr. Paulo Stroparo, uma terna figura .....	154
Adorável surpresa .....	156



# Introdução

Eis aqui o tão aguardado primeiro livro de Joel Gomes Teixeira, “o poeta da Vila São João, de Irati – PR”, como definiu o educador e pesquisador José Maria Orreda. Há muito que os leitores do Recanto das Letras e de diversos grupos do Facebook vêm reclamando a edição de suas crônicas no formato livro. Dos 703 textos já publicados, Joel selecionou 65 para esta edição, com o feliz título *Sob o sol dos meus melhores dias*.

Para o crítico e pensador Alceu Amoroso Lima, “a verdadeira literatura é a que busca a sua seiva no solo que nos gerou” — definição perfeita para esta coletânea de crônicas e histórias singelas com que Joel observa a natureza, os costumes, o cotidiano, o tempo que “abrsa as noites e confunde os sentidos”, mas que dá claridade às suas lembranças e evocações.

O estilo espontâneo e direto de Joel expõe de maneira irresistível os mais variados assuntos do solo iratiense, encaixando nele as angústias e memórias que tocam a cada um de nós. Ora são os apitos de uma locomotiva que remetem para distantes tardes de sábados e domingos ao som de *Branca*, de Zequinha de Abreu, ou do bandoneon de Gardel; ora os espaços de casas antigas, de paredes opacas, plenas de ausências, das noites intermináveis, de temores que terminam com o amanhecer; ora o velho rádio ligado na *Hora do Ângelus*, “tão respeitada, tão pura, tão necessária para que a

transição tarde/noite se fizesse num clima de pureza”, enquanto raios de sol perfuram o fino tecido da cortina; ora a garoa fina observada da confeitaria do Alcides, que liberta seus devaneios e revela nos olhos o sabor do afeto, das frutas, do pastel quentinho, das macieiras em flor, das azaleias e hibiscos, enquanto os sinos dobram na matriz da cidade fraterna de sorrisos e histórias singelas. Puro encantamento, “pois até mesmo os sinos requerem espaços apropriados para soar encantos em nosso íntimo”.

Assim é Joel. Ele alinha nos textos um amplo painel revelando a vida cotidiana às vezes com humor, outras com suave ironia ou tenra perplexidade. São as memórias das ruas, do trem, do sótão, dos Natais, das distantes tardes geladas, dos dias de chuva, do Cine Central. As doces lembranças da Dona Geni, da tia Flora, da Dona Izaura e das rosas da tia Luiza integram os “vitrais coloridos” de suas reflexões. As saudades, “penduradas em retratos”, marcam o compasso das andanças pela cidade e nos revelam novas faces de paisagens comuns que se iluminam com seu olhar descritivo.

Seu gosto pela narrativa começou com a professora Diva Gaspar Teixeira e se aprimorou com os inesquecíveis padres Marcelo e Tarcisio, no Colégio São Vicente de Paulo. A partir daí, Joel refinou o estilo e fez a travessia dos primeiros escritos à publicação de crônicas na *Folha de Irati* e no *Hoje Centro Sul* até o justo reconhecimento, inclusive fotográfico, no Recanto das Letras e nos grupos do Facebook. E que agora se torna acessível a todos com a descrição poética e real *Sob o sol dos meus melhores dias*.

“Canta, George Harrison! Inunda de beleza a quietude desta madrugada, que os anos 70 são eternos, que as mais lindas emoções são perenes e haverá sempre um tempo de recordar e ser muito, muito feliz. Tudo graças a My Sweet Lord.” *Sob o sol dos meus melhores dias* é a seiva rica do piazito da vila inundando de beleza nossa literatura.

Julio Marcos Bronislavski

Rio de Janeiro, 1º de agosto de 2019.



## *Comboios da madrugada*

Madrugada de sábado para domingo. Meu filho saiu para a balada. Nena, minha cara-metade, dorme o sono das justas. Sozinho, nesta madrugada quase gelada, ponho-me a procurar pelas esquinas de minha própria história onde acabei me perdendo do sono.

Afasto a cortina do quarto e a janela abre-se num olhar marejado para a rua deserta. A neblina entrecortada pela luminária do poste sugere-me um cenário de filme de suspense. Então, diviso nas pedras da rua Espírito Santo imagens ilusórias a subir e descer a ladeira.

O rádio ligado na cozinha me traz uma canção falando de Carolina. Aquela, dos olhos fundos. Ajeito o cobertor sobre a dorminhoca e dirijo-me pra lá. A música prossegue, dizendo agora: “Eu bem que avisei a ela, o tempo passou na janela e só Carolina não viu...”.

Romantismo e poesia à parte, o cenário que se desenha à minha frente é algo estarrecedor, apesar de eu mesmo tê-lo criado durante as lides como cozinheiro de fim de semana. Resolvo dar um trato na bagunça, até como forma de prevenir prováveis encrencas matinais diante do terremoto que assolou o ambiente.

Lembro-me de Lisyt, minha amiga do Recanto das Letras, e desligo o rádio. Quero, tal como ela costuma dizer, sentir, aspirar e até ouvir, se possível, a voz do silêncio. Lavar a louça, dependendo da maneira como se encara a tarefa,

pode transformar-se em algo agradável e até funcionar como terapia.

Abro a torneira e viajo no barulho da água escorrendo. Imagino uma cachoeira em tardes ensolaradas. A espuma abundante do detergente sugere-me ondas de mar, nuvens de outono ou coisas afins... As louças, sujas e engorduradas, submetidas à lavagem, a mim sempre evocaram uma cerimônia de purificação. A passagem do impuro para o sem mácula é como a renovação do ser. Uma vida nova abrindo-se para um caminho de reorganização.

E assim vou procedendo. O silêncio é total. Até os cães emudeceram... “Deve ser o frio”, vou atinando com meus botões. De repente, a madrugada estira-se aos apitos de uma locomotiva. Embora a linha férrea localize-se num bairro distante de onde estou, os ecos me atingem com nitidez e posso até ouvir, ainda que distanciado, o barulho das rodas sobre os trilhos.

Aquele apito soa feito um grito doloroso, amedrontado. Procura abrigo em minha quase solidão e subitamente sou remetido a distantes tardes de sábados de minha infância, quando ansiava pelos apitos do trem que traria meu pai. Experimentei novamente aquele misto de ansiedade e alegria que antevia a sua chegada. Voltei ao portão do tempo, com arco de cedrinho, cruzei a calçada de tijolos delineada de gerânios com os pacotes de jujubas e outras guloseimas que ele me trazia. Minha mãe ajudando a carregar as bagagens e Branca de Zequinha de Abreu rodopiando em assobio nos lábios do recém-chegado.

Tão somente devaneios, já que os apitos desta madrugada nada têm a oferecer-me além da nostalgia. São invasores! Bolinam minha solidão, ironizam minhas lembranças... Mas são, também, doídos e solitários, devoram distâncias e, acorrentados à desoladora monotonia, apunhalam a madrugada de pouca luz.

Penso em maquinistas. Os olhares atentos, a voz que se cala sobre as paralelas encravadas no negrume das distâncias. Rodopiam fantasiosos em meus pensamentos, um homem enigmático de sobretudo e valise, um vendedor de maçãs embrulhadas em papel roxo... Bandoneon, Gardel e um par dançando tango *A media luz*.

Brumas, frio sulino, silêncios... Evita Perón saindo das páginas amareladas de uma reportagem de revista local, aceitando o lenço de seda branca, perfumadíssimo! Imagens ilusórias de um trem internacional a caminho da Argentina. Anos 50, a moça pobre iratiense na plataforma, aspirando o perfume da Sra. Perón. A alma enfeitiçada por uma das mais belas lembranças de sua existência!

A memória olfativa fazendo-lhe etérea sonhadora no comboio do tempo. Muitos anos depois, a graça de conseguir adquirir, nos Champs-Élysees, o mesmo perfume da senhora do trem internacional. Aqueles maquinistas nem sabem, nada ouvem nada percebem, além dos traços paralelos que os arrastam no breu da madrugada. Talvez a companhia silenciosa das estrelas seja o elixir que os fortalece.

E as estações, uma a uma, vão ficando atrás de cada apito, feito espectros das lembranças de uma era romântica

de trens, de risos, acenos, de flertes apinhando-se pelas janelas de vagões. Os apitos vão-se aos poucos diluindo-se à distância, e, à minha frente, as páginas de Mario Quintana, um anjo disfarçado de poeta, são consolo para o meu devaneio:

## **Desespero**

“Não há nada mais triste do que o grito de um trem no silêncio noturno. É a queixa de um estranho animal perdido, único sobrevivente de alguma espécie extinta, e que corre, corre, desesperado, noite em fora, como para escapar à sua orfandade e solidão de monstro.”  
(Do livro *Mario Quintana*, seleção de Fausto Cunha, Global Editora).

Refém do meu próprio silêncio, concordo plenamente.

## *Estas coisas de outono* (Diário de minhas andanças)

Penúltima quinta-feira de junho descortinando-se infinitamente azul [sugere-me uma convenção de hortênsias]. Feriado de Corpus Christi. Na rua deserta, sigo pisando o sol das 15h. Sou, neste momento, nada além de um solitário caminhante bebendo a poção mágica da tarde anilada.

Na placidez infinita, reina um certo marasmo grifando em cetim cantigas de galos. Dispersos pelas cercanias, eles, os galos, rasgam nos bicos os quintais de minha meninice. De repente, revisto-me do piá de calças curtas trepado em cerca de ripas. Um gosto de pão de mãe invade o meu paladar [é o café das três]. Canecas espalhadas sobre a mesa, sorrisos, as mãos enrugadas de vovó, doce de pera cheirando a brotas de folhas de figueira...

Cruzam borboletas vadias no capinzal de meus devaneios e floradas longínquas dizem-me de segredos de macieiras. Breve instante de retorno a um tempo já desbotado pela distância. Ah, estes saudosismos a me perseguirem! E a tarde orna-se numa safira gigante.

Meus passos singram a estrada de chão batido enquanto os galos prosseguem dilacerando no peito as demarcações de seus territórios. Feito menino caçador de borboletas, fisgo nos olhos cada milímetro da paisagem que me cerca. De repente, na curva do caminho, uma casa — fechada, serena, amarela...

Sou apenas na vida um desajeitado sonhador  
A sorver dos cenários o seu mais doce licor  
Então, peço a Deus que me conceda a graça  
De aprender a fazer versos e espalhar nos caminhos  
Espiar araucárias e seus braços franzinos  
Arpejando ao vento as cantigas do Sul  
As manhãs neblinadas, as safiras de abril  
E quando as tardes lacrarem os dias  
Nestes pagos daqui  
Conceda-me asas, pra voar em suave  
Nestes céus de daqui.

